UFMT/ museu de arte e de cultura popular

abertura/desfile e conferência

/ março 1980 / 17:30 hs

minnie e cândida sardinha

CIDADE UNIVERSITÁRIA — BLOCO DE TECNOLOGIA — 78.000 — CUIABÁ — MATO GROSSO

Minnie Sardinha iniciou-se no tear ainda na infância. Aprendeu com sua mãe, Cândida Sardinha, com quem transferiu-se de Portugal para o Brasil, em 1954. Filha e mãe realizam tecelagens que vêm despertando interesse da crítica brasileira, tornando-as presenças marcantes no meio artístico de Brasília.

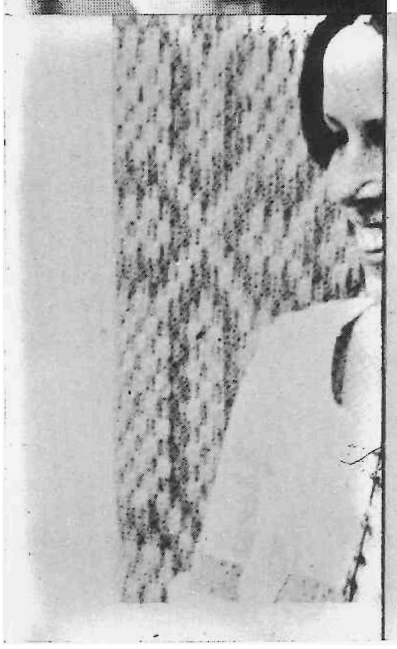
Minnie colaborou com sua mãe numa admirável pesquisa que esta realizou no interior mineiro e goiano, sobre os antigos pontos dos teares da roça, denominados "repassos". Partindo desse conhecimento e reinterpretando esses pontos, Minnie formulou as bases do seu trabalho. Inicialmente, realizaram suas tecelagens apenas como colchas ou mantas. Mas, a partir de 1973, buscando uma função de maior amplitude para seu trabalho, Minnie retira-o de sua condição tradicional para colocá-lo nas paredes. Essa atitude, porém, não a distanciou do aspecto utilitário da tecelagem. E perguntando-se por que não usar o que está na parede, em si mesma, resolveu tecer também vestidos, sem aderir, entretanto, ao consumo exagerado. A artista descobriu que o vestuário poderia ser outro veículo para realizar seu trabalho, não perdendo sua condição de objeto raro e único.

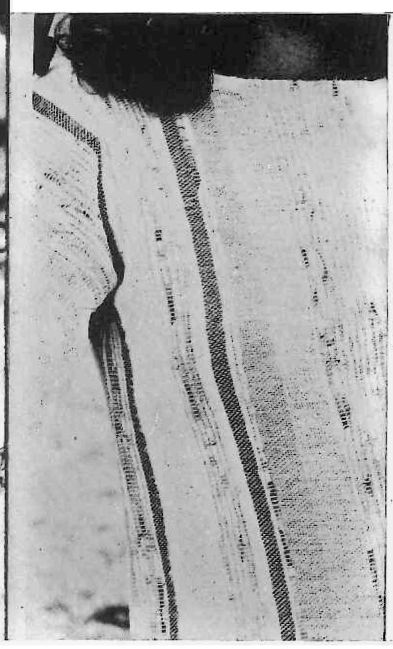
Aline Figueiredo

Artes Plásticas no Centro-Oeste
edições UFMT, 1979

CÂNDIDA SARSFIELD SARDINHA — (Funchal, Ilha da Madeira, Portugal, 1908). Tecelã. Reside em Unaí (MG), próximo a Brasília, desde 1973. Ainda na infância demonstrou interesse pela arte popular de sua terra. Estudou pintura com Júlio de Souza e tecelagem com Sereira Amazalat, em Lisboa. Veio para o Brasil em 1954, residindo em São Paulo por seis anos. Em 1960 fixou-se em Formosa (GO), logo interessando-se pela tecelagem popular. Pesquisou em cidades do interior mineiro e goiano, reunindo amplo conhecimento sobre os chamados "repassos", antigos pontos da tecelagem da região, os quais aplicou diretamente no seu trabalho. Pesquisou também raízes e plantas que as tecedeiras populares utilizam na extração de pigmentos para tingir. Residiu em Brasília entre 1963 e 1973, passando a pesquisar a tecelagem das cidades vizinhas. Ministrou diversos cursos de tecelagem em Brasília, através da Fundação Cultural, e expôs individualmente na UnB (1963), mostra organizada por Ivonne Jean. Participou da I Mostra Brasileira de Tapeçaria, no Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Alvares Penteado (São Paulo, 1974), e vem atuando constantemente em exposições ao lado de Minnie Sardinha.

MINNIE SARDINHA — Maria Eugênia Sardinha, dita (Funchal, Ilha da Madeira, Portugal, 1943). Artesã. Reside em Brasília desde 1965. A partir de 1973, vem exponuo seus trabalhos ao lado dos de Cândida Sardinha, como na Porta do Sol Galeria de Arte (1974), Fundação Cultural do DF (1975), mezanino do Hotel Nacional (1976 e 1978), em Brasília; Salomé Gallery (New Orleans, EUA, 1976) e na Real Galeria de Arte (Rio, 1975 e 1976). Participou de diversas coletivas, destacando-se: I Salão Global da Primavera (Brasília/Goiânia, 1973, prêmio aquisição), I Mostra de Tapeçaria Brasileira (Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Alvares Penteado, SP, 1974), 2 Artistas de Brasília (Teatro da Paz, Belém, 1975), Arte Agora I/Brasil 70-75 (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 1976), I Trienal de Tapeçaria (Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1976), Trienal de Tapeçaria de Lodz (Polônia, 1978, a convite de Jorge Glusberg/CAYC para integrar a representação latino-americana), Caminhos da Tapeçaria Brasileira (Galeria Funarte Rodrigo de Andrade, Rio, 1978), II Documento de Arte Contemporânea do Centro-Oeste (Funarte) e na Casa Thomas Jefferson (Brasília, 1979). Em 1979 expôs junto a Solange Escosteguy (mezanino do Hotel Nacional), com quem mostrou vestidos em espetáculo pelo grupo Ensaio Teatro Dança (no Clube Internacional), Brasília. Expôs individualmente na Galeria Eucatexpo (Brasília, 1978), Cacuá-Arte Popular (Rio) e na Fundação Cultural de Goiás (Goiânia), 1979.





Mãe e filha. Tecelãs, pesquisadoras da artesania do tear e da criatividade popular em ampla área do centro-oeste e do oeste mineiro. Artistas, porque partem de seus achados para o enaltecimento visual de padrões que estavam reclusos. Que estavam quase inaparentes na tradição de um lavor que de um lado vem do colono sertanista tecelão de seus próprios panos e, de outro, dos desenhos da cestaria indígena. De ambas origens em motivações de desenho abstrato , geometrizado , rítmico , inerentes ao jogo estético dos primitivos que precedem a "optical-art" e a toda pomposidade do ilusionismo ótico sofisticado.

A Cândida coube pesquisar a linha original do repasso, descobrindo os detalhes do lavor, dos pontos do tear.

Cândida é a autora das grandes composições de contraposições de cores retidas no limite das colchas, cobertas e toalhas.

A Minnie foi reservado enveredar por um caminho de outras indagações. O problema do formalismo que descobriu nos padrões tradicionais da tecelagem de algodão cru do Brasil Central, já nos apelidos de "Rastro de onça", "Pé de Gato", "Círculo da lua", "Rio das pedras", "Bagageiro do dado", "Redemoinho", "Bandeja enfeitada", "Rodeio", "Cruzeiro" etc.

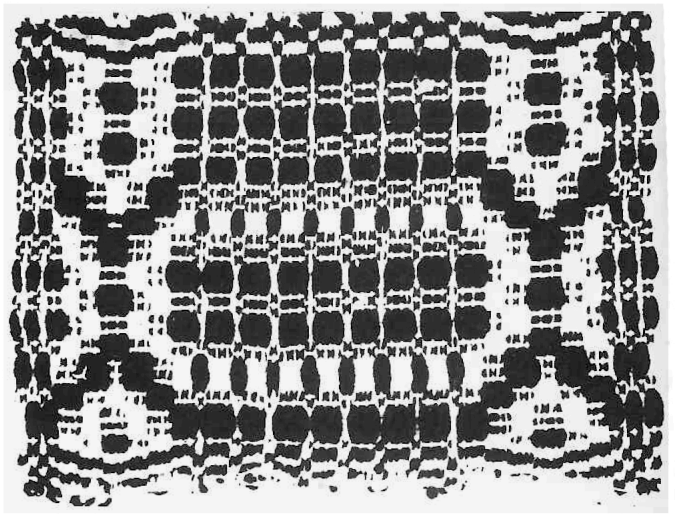
Diante desses dois exemplos, tão dignificantes do trabalho artístico enraizado numa pesquisa artesanal, resta ao crítico um único comentário: Cândida, com sua feitura de panos, percorre sutilmente um dos mais difíceis problemas da pintura, que é a composição de procura colorística submetida ao mínimo de estrutura formal.

E Minnie, que foi capaz de transpor a solução planiforme das tapeçarias e de investigar, através do corpo humano, na proposta de trajes, a quanto os padrões pesquisados poderiam atingir, e render, em novos valores plásticos.

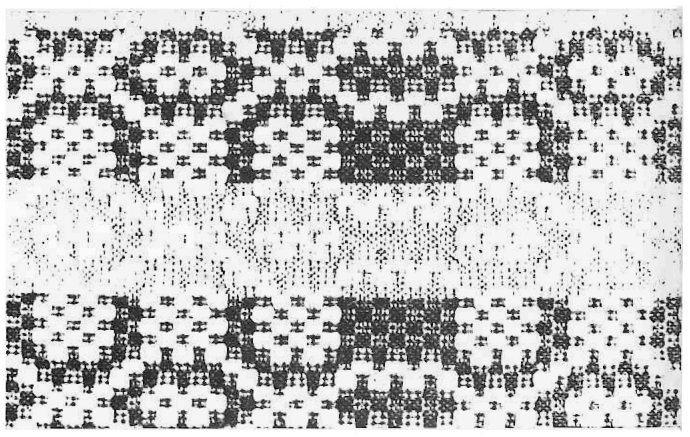
Nessas ofertas de tecidos para uso decorativo, ou para vestidos, Cândida e Minnie Sardinha estão enriquecendo a experiência brasileira no mais difícil problema de nosso tempo - que é responder a indagação do que é válido na criatividade de todas as eras. Responder com o "perene" redescoberto na inaparência do sentimento coletivo.

Clarival do Prado Valadares

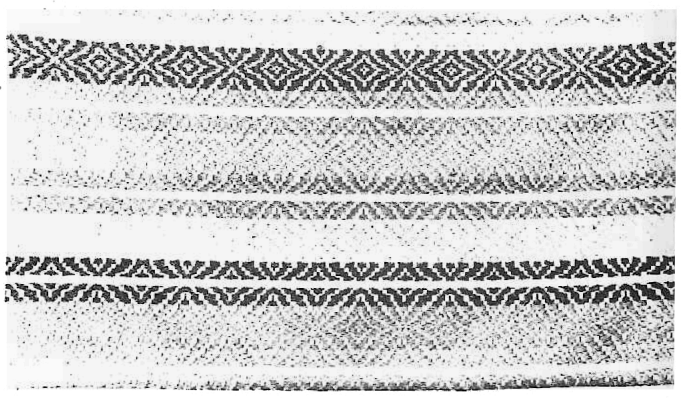
Catálogo de exposição em Brasília, 1976



CÂNDIDA / Rio das Pedras (ampliação)



MINNIE / Casa de Saúde e Círculo da Lua (variação 4)



CÂNDIDA / Laranja Partida/ 80 x 142 cm

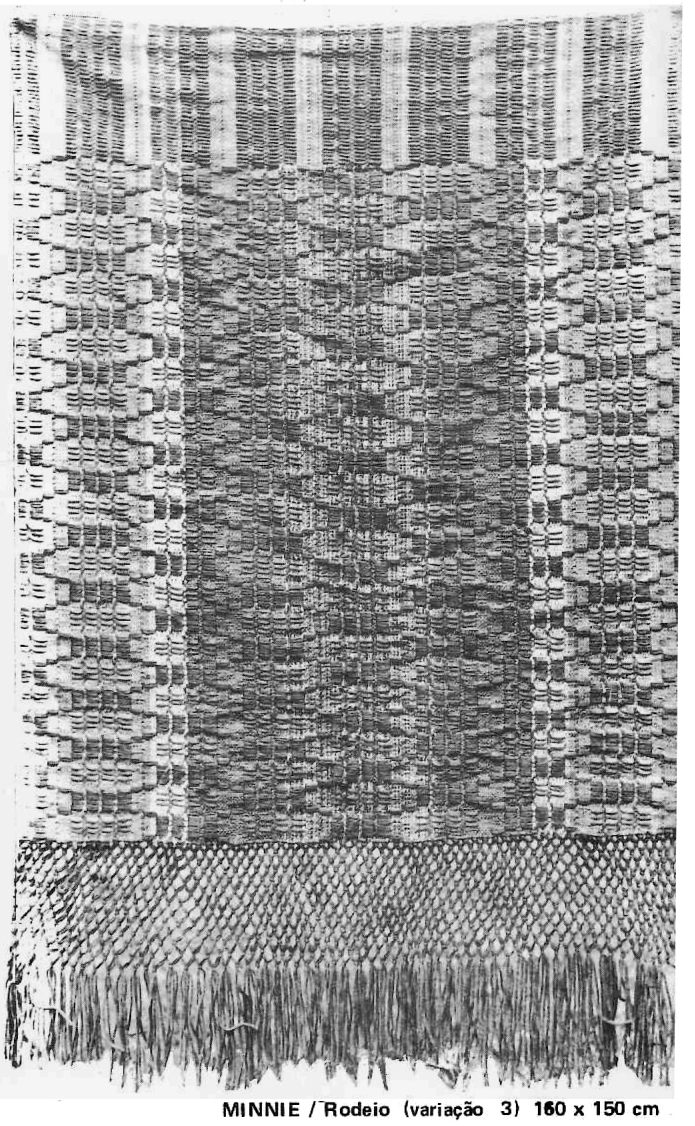
Num momento contaminado de concepções de tapeçaria embebidas de tropicalismo e figuração primária é confortador o contato com o trabalho de Cândida e Minnie, mãe e filha, no qual o processo primitivo da tecelagem popular é restaurado com espontaneidade e invenção. Sem qualquer pretensão, esta obra se inscreve na pauta do mais legítimo artesanato, vive da alegria de descobrir e aproximar cores, de tramar áreas e espaços com naturalidade e aparente ingenuidade.

Cândida começou tudo, desde Portugal, e Minnie retoma o trabalho da mãe, sem violentá-lo, apenas acrescentando uma discreta pesquisa onde assoma sua personalidade, mais como variação de um mesmo sopro, do que contestação ou contraponto. Cândida já havia observado e exercitado os "repassos" da tecelagem popular goiana e mineira, ousara mesmo a exploração de cores tiradas de raizes e plantas silvestres da região. Era a boa "selvageria" do sertão agreste, temperando a matéria prima ordenada, discreta e disciplinada do artesanato europeu. Minnie por assim dizer, "desperta" esta entidade apaziguada e memorialista de Cândida, encaminha os passos da lã por uma aventura mais arriscada, desfia, transpassa, cria ilusões de planos, onde houvera plenamente a linearidade.

O mais importante nas duas artistas é, contudo, esta fidelidade às formas simples, às estruturas quase racionais de um geometrismo correto e coerente. Fiéis assim aos modelos do mais genuíno primitivismo, elas surpreendem pela composição construtivista de seus motivos singelos. Decoram o ambiente com uma bandeira de equilíbrio, um convite ao repouso e ao toque de beleza, porque isso seus tapetes, colchas e mesmo vestidos e objetos de vestuário, têm. Não o bom gosto vicioso e anêmico das cartilhas de decoração, mas a beleza direta, sintética, matemática, dos ingredientes plásticos melhor conjugados, em termos de tapeçaria de chão e parede. Incluimos hoje, sem dúvida, estas duas, que são uma, no elenco dos criadores de tapetes realmente originais do país.

Walmir Ayala

Catálogo de exposição no Rio, 1975



MINNIE / Rodeio (variação 3) 160 x 150 cm